

## A Fonologia do Awetí

### The Phonology of Awetí

Sebastian Drude  
Museu Paraense Emílio Goeldi  
Goethe-Universität Frankfurt

**Resumo.** O trabalho apresenta as principais propriedades fonológicas do Awetí (Tupí). O Awetí tem seis vogais orais e nasalidade vs. oralidade distintiva em pelo menos uma sílaba de cada palavra; em outras sílabas o contraste é neutralizado (harmonia nasal). Entre as quinze consoantes predominam as de articulação apical; as fricativas e a lateral têm uma posição marginal no sistema. A posição do acento lexical é usualmente previsível, ele recai sobre a última vogal da raiz, com poucas exceções. A harmonia nasal é o fenômeno suprasegmental mais saliente. Na fonotática encontramos a estrutura básica [C<sub>1</sub>] [V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>]] V<sub>2</sub> [C<sub>3</sub>] e descrevemos estatisticamente as frequências de padrões (poli)silábicas e a distribuição dos fonemas. Finalmente analisamos alguns processos potencialmente morfo-fonológicos, em particular a ocorrência ou não da lenição das consoantes finais, e a assimilação da partícula /mɛ/. Estes dois fenômenos, bem como a harmonia nasal, são analisados fazendo uso de uma teoria fonológica 'declarativa' de dois níveis (sem derivações): um nível fonético e um fonológico o qual permite, ao lado dos fonemas tradicionais, unidades mais abstratas (arquifonemas como as consoantes finais como /P/ = {bilabial}, as vogais 'neutras' – sem o traço de oralidade/nasalidade –, e unidades abstratas como /<sup>o</sup>/ = {oclusiva, oral}, e /-/ = {nasal}).

**Palavras-chave:** Fonologia; Fonética; Fonotática; Arquifonema; Harmonia nasal

**Abstract.** This paper presents the principal phonological properties of Awetí (Tupí). Awetí has six oral vowels and distinctive orality / nasality in at least one syllable in each word; in other syllables the contrast is neutralized (nasal harmony). Among the fifteen consonants predominate those of apical articulation; the fricatives and lateral have a marginal position in the system. The position of the lexical accent is usually predictable, it goes to the final syllable of roots, with rare exceptions; nasal harmony is the most salient supra-segmental phenomenon. The basic phonotactic structure is [C<sub>1</sub>] [V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>]] V<sub>2</sub> [C<sub>3</sub>]. We describe the phoneme distributions and statistics of syllable patterns. Finally, we analyse some potentially morpho-phonological processes, particularly manifestation vs. suppression of lenition of final consonants and assimilation of the clitic /mɛ/. These latter phenomena as well as nasal harmony are analysed using a 'declarative' phonological two-level-theory (without 'derivations' or 'processes'). Alongside with usual phonemes, the phonological level allows for more abstract units (archiphonemes such as final consonants like /P/ = {bilabial}, 'neutral' vowels – without an oral / nasal feature –, and abstract units like /<sup>o</sup>/ = {stop, oral}, and /-/ = {nasal}).

**Keywords:** Phonology; Phonetics; Phonotactics; Archiphoneme; Nasal harmony

### 1. Introdução

O presente trabalho<sup>1</sup> apresenta as principais propriedades fonológicas do Awetí, uma língua falada no Alto Xingu (Mato Grosso) por um grupo de aproximadamente 300 pessoas. A língua é o parente mais próximo da subfamília Tupí-Guaraní, e junto com o Mawé estes formam o ramo 'Mawetí-Guaraní' da grande família (ou do 'tronco') Tupí (DRUDE, 2006; GALUCIO et al., 2015; MEIRA; DRUDE, 2015).

1. Quero aqui agradecer aos Awetí pela sua hospitalidade e boa colaboração, ao CNPq e à fundação Volkswagen pelas bolsas que me possibilitaram fazer este estudo, e às pessoas que comentaram versões anteriores, em particular Rui Rothe-Neves e os revisores anônimos. Quaisquer erros são meus.

Até hoje não existem muitos estudos sobre os Awetí e sua língua, apesar de que já alguns relatos de viajantes alemães mencionem os Awetí, como von den Steinen (1894), Meyer (1900) ou Schmidt (1904). Primeiros estudos linguísticos baseados em pesquisa de campo foram elaborados pela linguista Ruth Monserrat (ver abaixo), e há trabalhos de conclusão parcialmente baseados em trabalho de elicitación com falantes: uma revisão crítica do material existente sobre a língua como conclusão de uma especialização (SOUZA, 1994), uma tese de mestrado (BORELLA, 2000), para a qual a autora visitou a aldeia por três semanas em 1998. Mais recentemente, foi apresentada uma tese de doutorado pelo falante nativo Wary Kamaiurá Sabino (2016). A mais abrangente descrição até agora foi elaborada por Sabine Reiter como parte de sua tese de doutorado (2011), e uma série de artigos publicados em revistas e livros por este autor.

Por volta de 1970, R. Monserrat realizou várias etapas de pesquisa de campo entre os Awetí. Ela publicou dois trabalhos sobre a língua: uma constatação dos fonemas segmentais da língua junto com Charlotte Emmerich (EMMERICH; MONSERRAT, 1972) e uma descrição dos prefixos pessoais (MONSERRAT, 1976). Além destas publicações, ela apresentou oralmente alguns trabalhos sobre aspectos da língua, como sobre a nasalidade (2012 [1977]), entre outros, e posteriormente usou dados Awetí para estudos mais abrangentes (2002; por exemplo, 1983). Também, alguns trabalhos mais recentes por estudantes se baseiam pelo menos parcialmente nos dados coletados por Monserrat (CORRÊA DA SILVA, 2007, 2010; SANTOS, 2005; SANTOS et al., 2005).

O presente trabalho parte dos resultados de Emmerich e Monserrat (1972). Mesmo que não todos os pares mínimos ou exemplos de contraste tenham sido confirmados por nós, em geral os fonemas que as autoras estabeleceram se demonstraram válidos. Portanto não vai ser necessário, aqui, demonstrar de novo o seu *status* fonêmico, a não ser em alguns casos específicos que merecem discussão.

A principal base para este trabalho, no entanto, é um total de aprox. 18 meses de pesquisa com falantes, a maior parte na(s) aleia(s) Awetí, entre 1998 e 2010. De 2001 a 2005, quando a pesquisa se desenvolveu no âmbito do programa DOBES de documentação linguística, o foco do trabalho era na compilação de um amplo corpus de dados linguísticos multimídia, em grande parte com anotação (transcrição e tradução) (AWETÍ LANGUAGE DOCUMENTATION PROJECT, 2006). A partir de 2006 retomamos a análise e a descrição, sendo esta descrição da fonologia um primeiro resultado desta segunda etapa.<sup>2</sup>

Não há aqui o espaço de delinear, muito menos explicar, o quadro teórico implicitamente adotado neste trabalho. Trata-se da fonologia integracional (LIEB, 1996b, 1979, 1999, 1999, 2008), que desenvolve uma teoria declarativa de dois níveis (sem derivações ou outros processos) que em geral é bastante próxima a teorias fonológicas clássicas, como especialmente a concepção de Trubetzkoy (1989 [1939]). Não há aqui espaço para mostrar como os fenômenos poderiam ser descritos em outros quadros teóricos, como a fonologia gerativa (onde o conceito de subespecificação possivelmente pode ser empregado para dar conta dos casos dos arquifonemas ou outros fonemas abstratos aqui postulados) ou a teoria autosegmental. Igualmente, o espaço aqui disponível não permite justificar cada análise adotada, e os exemplos providenciados aqui são antes ilustrativos que prova. Alguns aspectos, especialmente a harmonia nasal, foram abordados separadamente (DRUDE, 2009, onde também a teoria adotada é explicada com mais detalhes).

2. De fato, a maior parte da análise já estava concluída durante os primeiros anos da nossa pesquisa (1998 a 2002), e o presente texto foi escrito pela sua maior parte já nos inícios de 2006.

O texto é organizado em cinco seções que tratam, respectivamente, das vogais, das consoantes, de propriedades suprasegmentais, da fonotática e de mudanças morfofonológicas e similares. Alguns fenômenos são ou poderiam ser abordados em mais do que uma seção; a organização aqui escolhida também levou em conta aspectos didáticos.

## 2. As vogais do Awetí; harmonia nasal de vogais

**Sistema básico.** A língua Awetí possui um sistema razoavelmente enxuto de fonemas segmentais. Há seis vogais orais, cada uma delas no Quadro 1 representada por seu alofone mais característico:

**Tabela 1:** Vogais orais do Awetí (em notação do IPA)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Este é um sistema vocálico fonológico bem conhecido, com quatro vogais não arredondadas e duas (as posteriores) arredondadas; um sistema típico das línguas da subfamília Mawetí-Guaraní dentro da família Tupí. Foneticamente, julgando-se por impressões auditivas – que precisam ser corroboradas por medições acústico-fonéticas – a pronúncia das vogais médias situa-se algo entre médio-aberta e médio-fechada ([ɛ, ɔ] e [e, o] respectivamente), mas em geral parece ser mais aberta que fechada, especialmente no caso das vogais orais. Em sílabas não-acentuadas a pronúncia de todas as vogais pode ser mais centralizada.

**Contraste /i/ vs. /i̥/.** Assim, às vezes, especialmente em sílabas não-acentuadas, é difícil distinguir entre as duas vogais altas não-arredondadas /i/ e /i̥/, já que ambas podem se aproximar de um [ɪ]. Após /t/ (de longe a consoante mais frequente em Awetí), a diferença principal parece ser o fato de /i/ causar a palatalização de /t/ ([tʃi] ou pelo menos [tʃi̥]), o que não ocorre diante de /i̥/. Em caso de dúvida, os falantes podem ser consultados e sempre concordarão quanto a qual som ocorre em uma dada palavra, /i/ ou /i̥/, de forma que a representação mental subjacente dos itens lexicais parece ser unânime no que diz respeito à diferença fonológica entre /i/ e /i̥/.<sup>3</sup>

**Contraste /u/ vs. /ɔ/.** O mesmo não pode ser dito da diferença entre /u/ e /ɔ/. De fato, este contraste fonológico é evidente na maioria das palavras do Awetí, especialmente em sílabas acentuadas: /'ɔp/ 'folha' vs. /'up/ 'pai'; /a'tɔ/ 'fui' vs. /a'tu/ 'avô / neto(a)' (termo vocativo); e geralmente também em posição não-acentuada: /ɔ'pap/ 'acabou' vs. /u'pap/ 'lugar (para se guardar algo)'. Há, no entanto, alguns itens quanto aos quais os falantes discordam ou até um dado falante pode ser inconsistente (por exemplo, ao escrever), dentre eles: [ɲõ'mẽm] vs. [ɲũ'mẽm] 'beiju (da goma) de mandioca'; [kɔj'tã] vs. [kuj'tã] 'aquilo/aquele/aquela' (fala masculina); [mõ'ʔɲẽ] vs. [mũ'ʔɲẽ] 'já, pronto'; [mɔ'ʔat] vs. [mu'ʔat] 'pessoa (civilizada)', e talvez alguns poucos outros. Neste contexto vale lembrar que o Mawetí-Guaraní é a única sub-família do Tupí (além de Purobora + Ramarama) que distingue duas vogais posteriores arredondadas, o que pode ser uma inovação neste ramo. Daí, de certo modo surpreende menos que

3. A vogal /i̥/ não ocorre em nenhum afixo a não ser no sufixo de negação nominal *-εʔm*, o qual pode ter-se desenvolvido a partir de um nome, ou como vogal de inserção quase epentética de certos afixos cuja forma canônica começa com consoante, como o sufixo de negação verbal, /-ka/ ~ /-ika/.

este contraste não seja tão consistente como outros. SOARES & LEITE (1991, p. 44) observam que não é incomum, no caso de sistemas de seis vogais, como os das línguas Tupí-Guaraní (e também Awetí), que /u/ permita uma pronúncia como [o], ainda em oposição a /ɔ/. Em Awetí, no entanto, os falantes variam, nestas palavras específicas, quanto ao *status* fonológico, e não foi-nos possível identificar quaisquer regras que determinassem se um item lexical apresenta ou não esta variação, e quais falantes preferem qual variante (em que circunstâncias). Registramos, portanto, um caso de variação 'livre', restrita a alguns itens lexicais.

**Ressilabificação.** Quando as vogais altas, e, em algumas instâncias, também as médias, ocorrem em uma sílaba átona (ver abaixo) e adjacentes a uma vogal – especialmente a uma vogal média ou baixa – elas podem, foneticamente, deixar de ser núcleo silábico, de forma que a sequência toda é ressilabificada, e /i/ (e às vezes /ɛ/) se transforma em [i̯] ou até [j], e /u/ (e por vezes /ɔ/) se transforma em [u̯] ou até [w]. Em muitos casos a ortografia reflete esta ressilabificação.<sup>4</sup>

**Nasalidade vs. oralidade.** Não há, em Awetí, vogais longas que fonologicamente contrastam com vogais breves. No entanto, as seis vogais apresentadas na Tabela 1 não constituem ainda o inventário completo dos fonemas vocálicos do Awetí: há um contraste fonológico de nasalidade vs. oralidade. O cenário é ainda mais complexo do que postular simplesmente 12 fonemas (6 orais e 6 nasais, como proposto por EMMERICH; MONSERRAT, 1972), devido ao fato de o Awetí apresentar o fenômeno da harmonia nasal, de uma maneira similar à do Mawé e também da maioria das línguas Tupí-Guaraní, mas com algumas particularidades (cf. DRUDE, 2008).

De acordo com nossa análise, há uma série inerentemente nasal e outra inerentemente oral das seis vogais. Elas ocorrem, principalmente, em sílabas que carregam acento, que, por sua vez, se encontram geralmente ao final de raízes. Somente as vogais inerentemente nasais por vezes ocorrem em sílabas não-finais (e não-tônicas). Adicionalmente, postulamos uma série de vogais que não são especificadas inerentemente (no nível fonológico) quanto à nasalidade / oralidade, as quais chamaremos de 'vogais neutras' e que marcaremos com um macron abaixo de agora em diante. Essas vogais neutras possuem dois alofones principais, um nasal e outro oral.

**Arquifonemas 'neutros'.** Assim, além dos fonemas vocálicos /i/ = {anterior, alto, oral} e /i̯/ = {anterior, alto, nasal}, por exemplo, postulamos mais um fonema /i/ = {anterior, alto}, com dois alofones principais, [i] = {anterior, alto, não arredondado, oral} e [i̯] = {anterior, alto, não arredondado, nasal} (e analogamente com as outras seis vogais). Devido a sua relação com as vogais inerentemente nasais/orais (sendo aquelas a interseção destas), postulamos que as vogais neutras são arquifonemas (na concepção clássica de Trubetzkoy) que ocorrem em sílabas não acentuadas onde o contraste entre vogais orais e nasais é parcialmente neutralizado (todas as vogais foneticamente orais e muitas vogais foneticamente nasais são previsíveis; mais detalhes na seção 4).

Qual alofone das vogais neutras ocorrerá é determinado pelo contexto, isto é, pela harmonia nasal. A essa classe de vogais neutras pertencem quase todas as vogais em afixos (em particular todas em prefixos verbais flexionais) e a maioria das vogais em sílabas não-acentuadas de raízes.<sup>5</sup>

4. A ortografia foi estabelecida nos últimos vinte anos; ela foi fixada há 12 anos e agora apresentada em um trabalho colaborativo com os dois professores Awetí (DRUDE; AWETE; AWETI, 2019). No caso dos ditongos crescentes, se representa o resultado da ressilabificação: /tɔ+-at/ → [tɔat̪] 'quem vai': <tɔat̪>, /ɔ+-atuk/ → [ɔatuk̪] 'ele toma banho': <ɔatuk̪>; enquanto nos ditongos decrescentes os fonemas mantêm sua representação fonológica: /ɔ+up+-ɛju/ → [ɔwpeju] 'está / há': <ɔwpeju>.

**Harmonia nasal (sinopse).** Como mostramos com mais detalhes na seção 4, a harmonia nasal em Awetí opera da direita para a esquerda dentro da palavra. O “gatilho” (isto é, a ‘fonte’ de nasalidade a que certos segmentos se ‘adaptam’ foneticamente) são segmentos intrinsecamente nasais, tais como as vogais nasais ou uma das consoantes nasais /m, n, ŋ/. A harmonia (a adaptação, isto é, a seleção de um alofone harmônico) se manifesta passando por todos os segmentos, inclusive cruzando fronteiras de morfema, terminando ou no início da palavra, ou uma consoante nasal, ou numa vogal com nasalidade ou oralidade inerente (as vogais fonologicamente orais ocorrem em sílaba não-final somente devido a composição ou incorporação). Não há segmentos não-transparentes que bloqueassem o ‘espalhamento’ da nasalidade.

De fato, pelo menos em termos auditivos (a serem confirmados por estudos de fonética acústica e articulatória), a nasalidade fonética das vogais nasalizadas (fonologicamente neutras) e mesmo das vogais (fonologicamente) nasais parece ser, geralmente, bastante branda ou até mesmo quase imperceptível, mas é consistentemente confirmada na fala cuidadosa, por exemplo em sessões de elicitación. É nos glides e nas oclusivas (que se pre-nasalizam, ver abaixo) que a nasalidade se manifesta mais notavelmente.

### 3. As consoantes do Awetí

**Quadro geral.** O sistema consonantal apresenta uma distribuição bastante desigual das 13+2+5 unidades fonêmicas<sup>6</sup> consonantais pelos pontos de articulação: cerca da metade delas são apicais (alveolares, retroflexas ou palatais). Abaixo, o quadro fonológico é seguido por comentários a fones/ fonemas específicos cuja análise coloca desafios particulares.

**Tabela 2:** Consoantes do Awetí (com arquifonemas, em notação do IPA)

	<i>Bilabial</i>	<i>Alv./Palat.</i>	<i>Retroflx.</i>	<i>Velar</i>	<i>Glotal</i>	<i>Abstr.<sup>7</sup></i>
<i>Oclusiva</i>	p	t		k	ʔ	◦
<i>Nasal</i>	m	n		ŋ		~
<i>Arquifonema</i>	P	T		K		
<i>Africd. / Frictv.</i>		ts	ʒ	(ɣ)	(h)	
<i>Glide</i>	w	j				
<i>Líquid. (Tepe, Lat.)</i>		r, l				

5. As vogais (inerentemente = fonologicamente) nasais contrastam com as orais (em sílabas finais de raiz de lexema), e com as vogais neutras (em sílabas não-finais), mas as orais não contrastam diretamente com as neutras, já que elas ocorrem em ambientes diferentes (as orais somente em sílabas acentuadas finais, onde as neutras não ocorrem). Sendo assim, seria possível propor análises com somente duas séries de vogais, onde ou (a) há somente vogais neutras e nasais, e as neutras assumem o traço ‘oral’ por alguma regra de ‘default’, ou (b) há somente vogais fonologicamente orais e nasais, e as orais trocam o traço ‘oral’ pelo traço ‘nasal’ em ambiente nasal. O que ganharíamos com esta análise mais ‘econômica’ (em termos de número de segmentos), perderíamos em termos de regularidade da estrutura típica de raízes de palavras nativas do Awetí (que sempre têm uma vogal inerentemente oral ou nasal na última sílaba, acentuada, e usualmente vogais neutras nas outras sílabas, diferentemente da solução a), e/ou em termos de simplicidade da descrição da harmonia nasal (que envolve sempre um *enriquecimento*, i.e., uma maior especificidade, no nível fonético, diferentemente da solução b).

6. 13 consoantes plenas tradicionais, 2 consoantes marginais e 5 arquifonemas e unidades mais abstratas.

7. Os dois segmentos abstratos não têm um lugar de articulação específico. Eles vão ser introduzidos somente na seção 6

**Arquifonemas /P, T, K/.** No final de radicais e de sufixos, o contraste entre as três oclusivas /p, t, k/ e as três nasais correspondentes /m, n, ŋ/ é neutralizado, pois a oralidade/nasalidade sempre corresponde àquela da vogal precedente (ver seção 4). Assim, após uma vogal nasal apenas [m, n, ŋ] ocorrem em final de morfema, nunca [p, t, k] (somente [tãm] 'aldeia' é possível, não [tãp] nem [tam]), e [p, t, k] por sua vez sempre co-ocorrem nesta posição com uma vogal oral precedente (cf. [tap̚] 'abelha (genérico)').<sup>8</sup>

Portanto, a tabela inclui três arquifonemas /P, T, K/, em que /P/, por exemplo, é um conjunto com apenas um elemento: {bilabial}.<sup>9</sup> Em posição final de morfema, quando precedidos de uma vogal nasal, /P, T, K/ são realizados como consoantes nasais plenas, [m, n, ŋ], como no caso de /tãP/ [tãm] 'aldeia'. Usualmente, esta realização se mantém quando se acrescenta um sufixo iniciada por vogal, como mostra a palavra /tãP -ut/ [tãmut] 'antiga aldeia', com o sufixo /ut/ 'ex-..., antigo'. No entanto, diante de certos outros sufixos (aparentemente com vogal inicial, ver abaixo, seção 6), ocorrem sequências homorgânicas da consoante nasal e uma oclusiva oral, resultando em [mp, nt, ŋk], possivelmente totalmente vozeadas: [mb, nd, ŋg]: /ã- ʔãP/ [ãʔãm] 'levantei', mas /ã- ʔãP -eju/<sup>10</sup> [ãʔãmpeju] / [ãʔãmbeju] 'estou levantando / estou em pé'.

**Sequências [mp, nt, ŋk] ou [mb, nd, ŋg].** Essas sequências de dois segmentos fonéticos, um nasal e uma oclusiva oral, [mb, nd, ŋg] / [mp, nt, ŋk], em todos os outros contextos são variantes fonéticas pré-nasalizadas das oclusivas plenas /p, t, k/ (segmentos de contorno, no modelo da Geometria dos Traços); elas ocorrem quando precedidas de uma vogal (fonologicamente) nasal, como em /mẽ' piT/ [mẽ' mpiɬ], ou [mẽ' mbiɬ], 'filho/filha (da mulher)', ou quando precedidas de uma vogal (foneticamente) nasalizada, como em /ã- tẽP/ [ã' ntẽm] / [ã' ndẽm] 'saí', de /' tẽP/ 'sair'. A mesma alteração também existe no caso da africada /ts/, que tem a variante [ts] (no início da palavra ou depois de vogal foneticamente oral) e as variantes [nts ~ nds ~ ndz] (depois de vogal foneticamente nasal).<sup>11</sup> Esta variação é a manifestação mais saliente da harmonia nasal em Awetí (ver seção 4), ao lado da nasalização dos glides /w/ e /j/, antes ou depois de uma vogal foneticamente nasal, resultando em [w̃] e [j̃ ~ ɲ̃]. Lenição de /P, T, K/. Há vários alofones orais (alofones que ocorrem depois de vogal oral) das consoantes /P, T, K/. Neste ambiente, as variantes mais características são, respectivamente, as oclusivas não explodidas [p̚, t̚, k̚], ocorrendo bem no final do enunciado, ou no caso de o próximo morfema (no caso de reduplicações, ver a seção 6) ou a próxima palavra começar com uma consoante oclusiva (sem ser a glotal) ou africada. Quando

8. No entanto, no meio da palavra, apenas a sequência de uma vogal foneticamente oral seguida por uma consoante nasal é excluída, devido à harmonia nasal para a esquerda causada pela consoante nasal (ver a seção anterior). Portanto, no meio da palavra, a sequência de uma vogal nasal seguida por uma oclusiva oral é possível; as oclusivas nesse caso usualmente aparecem em uma variante pré-nasalizada.

9. Seguindo a concepção fonológica original de Trubetzkoy, esses arquifonemas são membros genuínos do nível fonológico, ao lado dos fonemas comuns. Em Awetí, eles em particular são justificados por apresentarem variantes bastante específicas (ver abaixo sob 'lenição'), sendo que não todas são idênticas a algum alofone de /p, t, k/ ou /m, n, ŋ/. Essas últimas ficam restritas, portanto, à posição inicial e medial de morfemas (à posição de ataque da sílaba). Também se aplica aqui, mutatis mutandis, a argumentação exposta na nota de rodapé 5 para os arquifonemas vocálicos – certamente seria possível descrever a fonologia do Awetí sem estes arquifonemas, mas o que ganharíamos em termos de economia de segmentos perderíamos em regularidade e simplicidade na descrição da harmonia nasal e da fonotática.

10. Ver seção 6: na nossa análise, o sufixo /-°eju/ de fato começa com o segmento abstrato /°/.

11. Como explicado na seção 4, um segmento vocálico pode ser foneticamente nasal ou porque ele corresponde a uma vogal nasal no nível fonológico, ou porque foi foneticamente 'nasalizado' (correspondendo a uma vogal neutra no nível fonológico, dos alofones da qual se seleciona, pelas regras da harmonia nasal, um alofone nasal). O mesmo vale, mutatis mutandis, para vogais foneticamente orais.

a próxima palavra ou o próximo morfema começar por uma consoante nasal, muitas vezes ocorrem os alofones nasais [m, n, ŋ], mesmo depois de vogal oral.

Entretanto, quando seguidos de uma vogal (geralmente também antes de um glide e às vezes até antes de uma oclusiva glotal), essas consoantes /P, T, K/ geralmente sofrem *lenição*,<sup>12</sup> isto é, apresentam alofones *lênis*, ou seja, vozeados e contínuos: /P/ é pronunciado como [w] ou como [β] (muitas vezes sem fricção, [β ~ w ~ ʍ]), /T/ como [r], e /K/ como [χ].<sup>13</sup> A lenição ocorre interna e externamente à palavra, conforme exemplificado em (1), cada qual com um caso de: a) duas palavras sintaticamente distintas (aqui com uma oclusiva glotal epentética, que é opcional); b) composição (ou incorporação, aqui lenição ocorre até com oclusiva glotal), e c) sufixação:

- |     |    |         |          |              |   |             |              |                               |
|-----|----|---------|----------|--------------|---|-------------|--------------|-------------------------------|
| (1) | a. | /atuP/  | [atupˀ]  | 'vi'         | – | /atuP ɔK/   | [atuβ(?)ɔkˀ] | 'vi a casa'                   |
|     | b. | /kwaT/  | [kwatˀ]  | 'sol'        | – | /kwaT+ʔiP/  | [kwaʔipˀ]    | 'árvore do sol' <sup>14</sup> |
|     | c. | /ɔatuK/ | [watukˀ] | 'toma banho' | – | /ɔatuK-ɔkɔ/ | [watuχɔkɔ]   | 'tomava banho'                |

Este é um caso de alofonia (não de morfofonologia) apesar de que a realização do /P/ em final de morfema como [β ~ w] o aproxima do fonema /w/.<sup>15</sup> Assim como /P/, /w/ também ocorre no final de morfemas, e os dois contrastam (por exemplo, /-aP/ e /-aw/ são dois sufixos frequentes e diferentes) fora do contexto de lenição. O fonema /r/, no entanto, ocorre apenas internamente a morfemas e em posição intervocálica e portanto não contrasta diretamente com /T/; de fato, talvez /r/ tenha relação diacrônica com /T/ em vários ou até mesmo na maioria das palavras Awetí em que ocorre. Entretanto, apesar de pertencerem a fonemas diferentes de /w/ e /r/, as variantes lênis de /P/ e /T/ internas à palavra são representadas na ortografia como ⟨w⟩ e ⟨r⟩, respectivamente, e /K/ como ⟨g⟩, a fim de se evitar uma confusão com as ocorrências de /p/, /t/ e /k/. De fato, [χ] é incluída (marginalmente, em parêntesis) na tabela fonológica por estar começando a desenvolver-se em um fonema, devido à lexicalização. Por exemplo, a palavra ⟨tigap⟩ ['tʃiɣapˀ] 'assento, banco' se encontraria em contraste com uma forma possível como ['tʃikapˀ]. ['tʃiɣapˀ] é transparentemente derivada da raiz verbal ['tʃiɣɛ] 'sentar-se', por meio do sufixo nominalizador de instrumento ou lugar /-aP/. Há vários verbos similares, com um /ɛ/ não-acentuado após uma consoante lênis [m, n, ŋ, β~w, r] ou [χ]; parece plausível, portanto, que ['tʃiɣɛ], por exemplo, provenha diacronicamente de /'tiK+ɛ/, ou seja, seria o resultado da sufixação de um elemento /-ɛ/ a um radical antigo /'tiK/, o qual sincronicamente não é atestado isoladamente, assim que a forma fonológica atual de ['tʃiɣɛ] é /'tiɣɛ/, e de ['tʃiɣapˀ], /'tiɣaP/.<sup>16</sup> Desta forma, /P, T, K/ continuam ocorrendo exclusivamente na coda silábica em morfemas simples, ver seção 4.

12. As ocasiões em que **não** são lenizados são exatamente diante daqueles sufixos que fazem com que as consoantes nasais correspondentes sejam seguidas por uma oclusiva homorgânica. Uma análise desses sufixos é oferecida na seção 6 sobre processos aparentemente morfofonológicos.

13. As variantes nasais (depois de vogal nasal), [m, n, ŋ], já são *lênis*, para assim dizer. É possível que as variantes em final de enunciado sejam não-explodidas [mˀ, nˀ, ŋˀ].

14. Este é também o nome de um importante ritual Xinguano, o "Kuarup" em Português. Nesta palavra há uma regra de metátese, opcional mas frequente, resultando na forma [kwaʔriP]. Ver seção 4, 'glotais'.

15. A articulação exata das variantes lênis de /P/ precisa ser determinada por estudos de fonética articulatória. De qualquer forma, tudo indica que [β] e [w] não são percebidos como fonemas diferentes pelos falantes Awetí. Na ortografia, /w/ e a variante lenizada de /P/ são ambas representadas pela letra ⟨w⟩.

16. Seria ainda possível propor uma análise não-fonológica de [χ], pelo menos para esta palavra, onde poderia argumentar-se que, como testemunha a própria lenição, o /ɛ/ final teria sido elidido somente foneticamente, mas estaria presente na

**O fonema /h/.** O *status* fonêmico de [h] também precisa de discussão: há pouquíssimas ocorrências, geralmente em ideofones (p. ex. ['tikihɨ] 'encontrar, tropeçar em algo'), empréstimos ([ka'hawa], do Português 'garrafa' [ga'xafa]; [kala'hãɨ] 'abacaxi', cuja origem não é clara) ou como resultado de dissimilação a partir de um glide /w/ subjacente (a fim de evitar-se cacofonia, como em [akwa'hawika] ao invés de [akwa'wawika] 'não sei'). O segmento [h] aparece, também, epenteticamente no início de palavra, particularmente antes de /a/ e especialmente quando a próxima sílaba começa com uma oclusiva glotal: [haʔi'ʔu] ao invés de [ʔaʔi'ʔu] ou [aʔi'ʔu] 'bebo', mas também consistentemente em [ha'paj] 'meu pai (vocativo)'. Consideramos o /h/ um fonema, com *status* marginal no sistema.

**O fonema /ʔ/.** A oclusiva glotal [ʔ] contrasta com todas as outras consoantes e com a ausência de qualquer segmento, em particular entre vogais. Ela não ocorre com valor distintivo ao final de radicais ou palavras, e seu *status* no início de várias formas de palavra é duvidoso. Geralmente [ʔ] pode ser inserido foneticamente no início de palavras que começam com vogal, mas há algumas partículas clíticas que não permitem tal inserção, como /aʔiʔT/ (partícula que expressa empatia por parte do falante), /ɛnɛ/ 'ainda' (variante de /wɛnɛ/), /ɛ'tsãT/¹⁷ 'por um tempo' (partícula de aspecto, variante de /'wi.ãT/), e /jka/ 'parece que', /aʔiʔT/ (partícula de final de frase com função pragmática e de difícil tradução). No início de radicais, no entanto, há claramente contraste, havendo até mesmo vários pares mínimos, tais como os nomes inalienáveis /ɔK/ 'casa' (/kaj'ɔK/ 'nossa(incl) casa' vs. /ʔɔK/ 'tubérculo' (/kaj'ʔɔK/ 'nosso(incl) tubérculo', na fala hipotética da planta).

**O fonema /l/.** O fonema /l/ é encontrado em um número pequeno de itens lexicais, a maioria dos quais não são empréstimos, como /pɪlãK/ [pɪlãɨ] 'vermelho', em que contrasta com /r/, cf. /pɪrãʔiʔT/ 'peixe'.¹⁸ Algumas palavras com /l/ aparecem frequentemente na fala, como /lɔ'ɛ/ 'ruim, feio'.

**O fonema /z/.** É curioso não haver nenhuma fricativa plena além de /ʃ/, /h/ (ambos marginais no sistema) e /z/, um som retroflexo vozeado, particular do Awetí, diacronicamente relacionado a /r/ e, em certas ocasiões, a outros sons alveolares. De fato, nas listas de palavras coletadas por volta de 1900, várias palavras foram registradas com [r], onde hoje encontramos [z]. Portanto, parece que essa mudança é bastante recente, relacionada, possivelmente, a um desenvolvimento análogo em Waurá, uma língua Arawak geograficamente próxima (o próprio nome "Waurá" está sendo substituído por "Wauja", refletindo sua pronúncia [vauʒa] ~ [vauza]). Não é claro, no entanto, o motivo pelo qual alguns [r] mais antigos não mudaram para /z/, particularmente aqueles que não podem ser diretamente relacionados a um /T/ lenizado de final de morfema (como, mais uma vez, /pɪrãʔiʔT/ 'peixe').

**A africada /ts/.** Há uma africada, /ts/, que aparece em não muitos itens lexicais, a maioria dos quais não são, aparentemente, empréstimos, e alguns dos quais apresentam alta frequência textual, tais como /tsã/ 'eles/elas' (na variedade masculina), /tsu/ 'como, parecido com', /tsɔa/ 'na direção de', /ɛtsãT/ 'por um tempo' (partícula aspectual). Mesmo assim, /ts/ é a única consoante para a qual não encontramos

forma fonológica /'tiK+ɛ+°aP/, onde a elisão seria condicionada pela falta de acentuação. Mas ainda que se segmentassem sincronicamente palavras como ['tʰiɛ] em /'tiK+ɛ/, teria um contraste dentro da palavra – entre /K/ e /k/, em vez de entre /ʃ/ e /k/. Já que no caso de /P/ e /T/ já existem fonemas lênis correspondentes /w/ e /r/, parece-nos mais apropriado assumir o surgimento de um novo fonema /ʃ/, completando o sistema.

17. Esta partícula apresenta uma exceção porque ela tem uma vogal intrinsecamente oral na primeira sílaba, não acentuada, sugerindo uma origem polimorfêmica, como no caso dos dêiticos na fala masculina.

18. Note, no entanto, que o /l/ do Awetí usualmente corresponde a /r/ em cognatos Tupí-Guaraní ou Mawé, e que /r/ em Awetí, por sua vez, pode em vários casos ser relacionado a um /T/ lenizado – mas isto não é o caso, por exemplo, na palavra /pɪrãʔiʔT/, cujo início deve ser cognato com pTG \*/pɪra/.

bons cognatos e cuja origem diacrônica permanece por enquanto um enigma. Conforme dito acima, /*ts̃*/ também apresenta variantes fonéticas pré-nasalizadas [nts ~ nds ~ ndz] após uma vogal nasal ou nasalizada.<sup>19</sup>

**A africada [tʃ].** Diante de /i/, o fonema /t/ se realiza foneticamente também como uma africada, sendo palatalizado para [tʃ] (no mínimo para [tʲ]). À primeira vista, o contraste entre /*ts̃*/ e /t/ parece ser neutralizado antes de /i/ em favor de [tʃ], se não fosse exatamente por duas palavras excepcionais que tornam até mesmo difícil decidir de qual consoante [tʃ] é uma variante fonética. Nós apresentamos aqui apenas as raízes de ambas palavras problemáticas em (2b+c), junto com uma raiz em (2a) que mostra o resultado fonético esperado neste ambiente:

- (2) a. /*tʃi*'ʔiT/    [tʃi'ʔitʰ]    'irmão mais velho (do homem)' – (palatalização regular de /ti/ para [tʃi])  
 b. /*pʃti*'ziK/    [pʃti'ziKʰ]    'comunicar-se com seres sobrenaturais, rezar, curar'  
     – (único caso encontrado de [ti] sem palatalização)  
 c. /*kʃts̃i*'tse/    [kʃtsi'tse]    'sentir-se envergonhado, respeitar'  
     – (único caso encontrado de [ts] diante de [i], sem palatalização para [tʃ])

Possivelmente, a própria semântica bem marcada dos itens em (2b) e em (2c) (uma atitude chave no contexto cultural Alto-Xinguano) possa explicar o comportamento fonético peculiar. Uma comparação com cognatos indica, no entanto, que usualmente [tʃ] deve ser contado como um alofone de /t/, e não de /*ts̃*/, apesar de a fonte diacrônica desta última africada não ser clara.

#### 4. Fonologia suprasegmental: resumo da harmonia nasal, glotais e acento

Uma descrição detalhada da harmonia nasal do Awetí foi apresentada em Drude (2009). Damos aqui somente um resumo.

**Triggers e targets da nasalidade.** Como mencionado acima, a nasalidade (e, em menor grau, a oralidade) é um traço que usualmente se estende por mais de um segmento. Conforme delineado acima, nós analisamos este fato como um fenômeno de *harmonia nasal*. Isto implica que vários elementos fonológicos (estes são os “alvos”, *targets*) apresentam pelo menos uma variante fonética oral e pelo menos uma outra que é nasal. A harmonia consiste na seleção das variantes fonéticas que combinam com o contexto.

A nasalidade/oralidade é causada por “gatilhos” (*triggers*) e se “espalha” para a esquerda (em termos declarativos: o contexto em um lugar específico é definido por elementos à sua direita), até o começo da palavra ou até um outro gatilho. Note-se que as vogais inerentemente orais ocorrem principalmente no final de raízes e sufixos; quando ocorrem no meio de palavras, usualmente se trata de composições. Estes gatilhos são as vogais nasais /ĩ, ẽ, ã, õ, ã/, as três consoantes nasais /m, n, ŋ/, e, para a oralidade, as vogais orais /i, ɛ, ɨ, a, u, ɔ/. Estes últimos ocorrem somente nas sílabas acentuadas (normalmente, a última da raiz).

Em outras palavras, usualmente a vogal da sílaba acentuada, que sempre é intrinsecamente nasal ou oral, define a nasalidade ou oralidade de todos os segmentos à sua esquerda. Somente quando há

19. Somente no caso da palavra /*ts̃ã*/ 'eles/elas', a pré-nasalização foi até observada depois de oclusivas orais, como em /*wɛjtuP ts̃ã*/ [wɛjtupʰ ts̃ã] ~ [wɛjtupʰ nts̃ã] ~ [wɛjtubndzã] 'viu eles/elas'. Isto é mais uma idiosincrasia de um dos morfemas particulares da variante masculina, os outros sendo /*nã*/ 'ele/ela' e /*tã*/ (o segundo elemento dos pronomes dêiticos).

um segmento intrinsecamente nasal ocorrendo em outra posição, os segmentos à sua esquerda são foneticamente nasalizados, mesmo se a vogal da sílaba acentuada for oral.

Os alvos (*targets*), segmentos ou sequências cuja nasalidade ou oralidade se define no nível fonético, são:

- ◇ as seis vogais neutras (/i, ε, ɨ, a, u, ɔ/, fonologicamente não especificadas para oralidade ou nasalidade, introduzidas na seção 2), as quais ocorrem somente em sílabas não acentuadas, particularmente em prefixos; essas possuem alofones oralizados [i, ɨ, u, ε, a, ɔ] que ocorrem se o primeiro segmento com nasalidade ou oralidade intrínseca à sua direita é oral, e alofones nasalizados [ĩ, ɨ̃, ã, ẽ, ã̃, õ̃] que ocorrem se este for nasal;
- ◇ os glides, as líquidas e a fricativa retroflexa, que ou são orais [w, j, r, l, ʒ] ou são nasalizadas para [w̃, j̃ ~ɲ, ɹ̃, l̃, ʒ̃], respectivamente, dependendo do mesmo contexto;
- ◇ as oclusivas e a africada, que se realizam através de variantes fonéticas pré-nasalizadas, possivelmente vozeadas por inteiro [mp~mb, nt~nd, ŋk~ŋg, nts~nds~ndz], aparecendo *depois* de vogal nasal ou nasalizada (então usualmente não no início de uma palavra; aqui a direção do “espalhamento” é da esquerda para a direita);
- ◇ os arquifonemas /P, T, K/, que tem como variantes nasais [m, n, ŋ], e entre os orais as variantes fónicas [p̃, t̃, k̃], e as lénis [β~w, r, ɣ] (ver seção 2, ‘lenição de /P, T, K/’). Se a variante nasal ou uma variante oral aparece, depende principalmente da vogal precedente (aqui também a direção do “espalhamento” local é da esquerda para a direita) e, raras vezes, da consoante seguinte.

Os únicos segmentos que não interagem de maneira alguma com a nasalidade são as glotais /ʔ, h/, as quais são transparentes para a harmonia nasal.<sup>20</sup>

**Direção da nasalização.** A harmonia nasal em Awetí opera da direita para a esquerda, isto é, os alvos, i.e., segmentos nasalizáveis (as vogais neutras e as consoantes, menos as glotais e as nasais) harmonizam-se com o próximo segmento inerentemente nasal ou oral à sua direita. Há apenas poucos casos em que a direção se faz da esquerda para a direita, mas então afetando, por sua vez, apenas um segmento (adjacente): (1) os glides geralmente também são nasalizados se vierem seguindo um segmento nasal, (2) as consoantes de final de morfema /P,T,K/ correspondem, em nasalidade, à vogal que as precede,<sup>21</sup> e (3) as oclusivas e a africada são pré-nasalizadas se *precedidas* por uma vogal nasal ou nasalizada.

Uma consoante nasal não nasaliza uma vogal neutra à sua direita. Por exemplo, há um contraste entre /nã'ti/ [nã'nti] ‘mãe dele/dela’ e /nã'ti/ [na'ti] ‘esposa dele’. Ambas as formas são da terceira pessoa singular na variedade masculina; uma é da palavra /'ti/ ‘mãe’, com o prefixo de terceira pessoa singular /nã/ e a outra da palavra /ã'ti/ ‘esposa’, com o alomorfe /n/ do mesmo prefixo. Crucialmente, este último não causa a nasalização do /ã/ em [na'ti]. Não é a fronteira morfológica que faz a diferença, como é evidenciado por palavras monomórficas como /mã'tɔ/ [ma'tɔ] ‘palmeira de tucumã’ ou pelo prefixo causativo /mɔ-/ , com uma vogal neutra, a qual é nasal diante de radicais

20. De fato, não é impossível que articulatoriamente o véu palatino seja aberto no caso das consoantes glotais ocorrerem em ambiente nasal.

21. A variante nasal aparece até mesmo após uma vogal oral se a palavra for seguida da partícula /mɛ/ (ver abaixo) ou às vezes se o morfema seguinte começa por uma consoante nasal (na reduplicação).

nasais, como por exemplo em /mɔ̃'tẽP/ [mɔ̃'ntẽm] 'encontrar, revelar' (literalmente 'fazer sair', de /'tẽP/ 'sair'), mas permanece oral antes de radicais orais como /mɔ̃'tɔ/ [mɔ̃'tɔ] 'dar' (literalmente 'fazer ir', de /'tɔ/ 'ir'), portanto, o /m/ não nasaliza o /ɔ/.

O tipo de análise brevemente delineada acima é apresentada com mais detalhes em (DRUDE, 2009) não faz uso de nada que se pareça com um autossegmento ou traço suprasegmental "nasalidade" – em vez disso, propomos uma análise em termos de uma harmonia, ou seja, de combinar somente unidades fonéticas que concordam em sua nasalidade / oralidade, quando há diferentes variantes de unidades fonológicas. Acreditamos que seja possível aplicar tal análise para outras línguas que também apresentem harmonia nasal, como demonstramos para o Guaraní Paraguaio (DRUDE, 2004).

**A glotal como traço da sílaba.** Uma outra candidata a traço suprasegmental é a "glotalização", que seria uma propriedade da sílaba (cf. por exemplo a sugestão de Schleicher (1998) para o proto-Tupí-Guaraní) e não um segmento "oclusiva glotal". De fato, em vários aspectos a oclusiva glotal apresenta propriedades peculiares: ela nem sempre bloqueia a lenição (como o fazem as outras oclusivas, mas não os glides) e ela nem sempre proíbe a ressilabificação, como se as duas vogais estivessem adjacentes. Acima de tudo, ela participa de uma metátese com uma consoante (*lenis*) precedente, como em /kwaT+ʔip/ 'kuarup' (o ritual e a árvore relacionada): [kwarʔip] ou [kwaʔrɪp], ou /kãP+ʔu/ 'beber leite do peito': [kãmʔu] ou [kãʔmu].

Essas propriedades, no entanto, só são encontradas em algumas palavras (lexicalizadas?) e não em todo lugar onde ocorre a oclusiva glotal, sendo ela, portando, em várias ocasiões, mais propriamente analisada como um segmento regular. Em geral, a enxergamos como um segmento com propriedades especiais, mas não como um traço silábico, pelo menos não no estágio atual do Awetí.<sup>22</sup>

**Pitch e acento.** O Awetí não é uma língua tonal. Há entonação sintática que expressa vários aspectos não proposicionais do sentido geral da sentença e que interage com o padrão acentual de palavras individuais, como deve ser o caso da maioria ou talvez todas as línguas acentuais. Por acento lexical, entendemos aqui a capacidade (o potencial) de uma sílaba de carregar acentuação sintática. O acento lexical no Awetí é uma propriedade da forma fonológica dos morfemas e palavras e se correlaciona com uma mudança no acento de altura (*pitch*, frequentemente com uma mudança para um *pitch* alto na sílaba em questão, mas isso depende do padrão entonacional da acentuação sintática em questão), possivelmente com uma intensidade maior e opcionalmente com uma duração maior. Em (DRUDE, 2011) apresentamos um estudo acústico-fonético mais detalhado sobre o acento em Awetí que confirmou essas observações auditivas. Os padrões de acentuação sintática e seus efeitos semânticos constituem uma das áreas menos estudadas do Awetí.

**Posição do acento lexical.** O acento lexical em Awetí geralmente recai sobre a última sílaba do radical e é, na grande maioria dos casos, previsível (cf. DRUDE, 2011). Até o momento, não foram encontrados pares mínimos ou casos claros de contraste que envolvam apenas a posição do acento. Isso leva à hipótese de que o acento não seja fonologicamente contrastivo. Sendo assim, o acento lexical também não é representado na ortografia, não havendo casos claros de conflito para falantes nativos registrado até o momento.<sup>23</sup>

22. Ainda que se possa aceitar que a glotal tenha sido um traço silábico em estágios anteriores, não concordamos com todas as hipóteses sobre a glotal e suas consequências propostas por Schleicher (1998).

**Exceções: /ɛ/ átono.** Há vários grupos de radicais que constituem uma exceção à regra exposta acima. Já mencionamos radicais verbais com uma sílaba final não acentuada composta de uma “consoante *lênis*” (uma das consoantes nasais, um glide, /r/, ou o fonema putativo /ʎ/, ver acima) e da vogal /ɛ/. Anteriormente, esses eram, provavelmente, analisáveis morfologicamente como um radical que terminava com uma consoante e um elemento adicional /ɛ/. Isso também é sugerido pelas formas reduplicadas que não incluem o /ɛ/ final (cf. DRUDE, 2014).<sup>24</sup>

- (3) a. /'wure/ 'emergir (na água)' – redp.: /wu,rwu're/ 'boiar'  
 b. /'axɛ/ 'gritar' – redp.: /ax'axɛ/ 'gritar repetidamente'  
 c. /pɔ'tẽmɛ/ 'gritar de alegria' – redp.: /pɔ,tẽmpɔ'tẽmɛ/ '(idem, intensificado)'

Várias partículas dissilábicas, em especial partículas de segunda posição, possuem a mesma estrutura, às vezes com /u/, ao invés de /ɛ/, na segunda sílaba não acentuada: /'wẽnɛ/ 'ainda(?)', /'zãnu/ 'também', /'tẽnɛ/ 'sem motivo', etc.

**Exceções: /ɨT/ átono.** Como um segundo grupo de exceções, um grande grupo de radicais nominais, geralmente se referindo a entidades animadas, possuem uma sílaba final não acentuada que termina em /ɨT/. Talvez este tenha sido um morfema distinto, possivelmente relacionado a /'ãʔɨT/ 'filho (do homem)' e / ou a /'ʔɨT/ 'esperma'.<sup>25</sup>

Alguns exemplos são: /ã'puriT/ 'papagaio', /ju'kwãɨT/ 'urucum', /uɔuã'pirɨT/ 'urubu', /pɨ'rĩɨT/ 'beija-flor' e /pɔ'rɨwɨT/ 'costume, maneira, cultura'.<sup>26</sup>

Além dessas palavras divergentes mas bastante regulares e facilmente reconhecíveis, há alguns casos mais atípicos como /nu'kakɨT/ 'galinha', com uma consoante fortis na posição de ataque (onset) da última sílaba, que é, no entanto, não acentuada, e termina em /ɨT/, ou /kɨ'wɨT/ 'irmã mais velha de mulher', que por sua sequência segmental (terminando em sílaba com consoante *lênis* e /ɨT/) parece se encaixar no último grupo de exceções, mas que apresenta, na verdade, acento lexical regular na última sílaba. Esses pouquíssimos casos não são, aparentemente, suficientes para fazer necessária a introdução de acento ortográfico para falantes nativos (DRUDE; AWETE; AWETI, 2019).

**Sufixos e acento.** Os sufixos geralmente não atraem o acento, com uma exceção mais frequente: o sufixo 'progressivo' /-ju/ possui um alomorfe /-ɛju/ que aparece após a maioria das consoantes. Em formas de palavras que contêm esta variante do sufixo, o acento recai sobre a sílaba cujo núcleo é o /ɛ/ inicial do sufixo:<sup>27</sup> [ɔ'ʔãm] 'fica de pé' – [ɔʔãm'pɛju] 'está de pé / se levantando'.

23. Para quem não domina bem o Awetí, a leitura correta de formas complexas de palavras do Awetí pode ser difícil. A possibilidade de introduzir o acento na escrita do Awetí foi considerada repetidamente com os professores Awetí (Waranaku e Awajatú), mas ultimamente descartada.

24. Sincronicamente, isso provavelmente seja explicável através de uma regra referindo ao acento lexical.

25. Uma evidência para isto é o fato de a vogal em /ɨT/ ser sempre oral, apesar de estar em uma posição não acentuada.

26. A partícula diminutiva e o lexema 'pequeno(a)', /ʔɨT/, talvez sejam relacionados com este /ɨT/ em combinação com um elemento /i/ (com cognatos correspondentes /i/ em línguas Tupí-Guaraní), apesar da oclusiva glotal. Esta possivelmente venha do segundo elemento, o que sugere uma derivação a partir de /i+ʔɨT/, através de ressilabificação e metátese simultâneas (cf. acima).

27. A sílaba que carrega o acento lexical começa com uma oclusiva ou, de modo mais geral, com uma consoante *fórtis*. A nossa análise postula um elemento abstrato inicial desta variante do sufixo: /-°ɛju/. Ver a próxima seção.

## 5. Fonotática

**Padrão geral das raízes.** A raiz nativa, básica e prototípica do Awetí é dissilábica, e tem uma sequência segmental que segue um padrão conforme indicado em (4a), em que partes opcionais da sequência são cercados por colchetes (com interdependências indicadas através da hierarquia dos colchetes). Em (4b) apresentamos a mesma estrutura, agora incluindo a distribuição dos glides (opcionais). Uma estrutura básica similar parece ser típica de várias línguas Tupí.

- (4) a. [C<sub>1</sub>] [V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>]] V<sub>2</sub> [C<sub>3</sub>]  
 b. [C<sub>1</sub> [w/j]] [V<sub>1</sub> [[j] C<sub>2</sub> [w/j]]] V<sub>2</sub> [[j] C<sub>3</sub>]

A estrutura para radicais com mais ou menos sílabas é obtida omitindo-se ou repetindo-se a parte [V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>]]: [C<sub>1</sub>] V<sub>2</sub> [C<sub>3</sub>], [C<sub>1</sub>] V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>] V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>] V<sub>2</sub> [C<sub>3</sub>], etc. Con-forme nosso cálculo, baseado num banco de dados lexicais (de longe não completo, mas representativo, com aprox. 700 raízes), mais do que 90% se enquadram no padrão em (4a), ou seja, mostram uma sequência alternando entre C's e V's ou, raras vezes, encontros vocálicos, e outros aprox. 5% têm glides ao lado de consoantes conforme (4b); o pequeno restante mostra encontros consonantais e já por isto mesmo é suspeito de ser resultado de uma composição lexicalizada.

Ainda no mesmo banco de dados, a metade das raízes tem duas sílabas, outros 20% têm somente uma sílaba, e 25% têm três, muito poucos têm mais que três.

**Exemplos e frequências.** Conforme o esquema em (4), o único segmento obrigatório é a vogal V<sub>2</sub>. Conhecemos um só radical com esta estrutura, o pronome *fi* 'ele/ela', na fala feminina. Há várias raízes com duas unidades, ou C<sub>1</sub>V<sub>2</sub> (ca. 30, p.ex. /tɔ/ 'ir', /ʔi/ 'água', /tsã/ 'eles/elas', na fala masculina), ou V<sub>2</sub>C<sub>3</sub> (ca. 16, p.ex. /uT/ 'vir', /aj/ 'pimenta', /iT/ [ĩn] 'para lá'). Não conhecemos exemplos de raízes com o padrão V<sub>1</sub>V<sub>2</sub>.

Atualmente, temos no nosso banco de dados preliminar mais que 130 raízes com três unidades, a maioria absoluta (ca. 85 raízes) seguindo o padrão C<sub>1</sub>V<sub>2</sub>C<sub>3</sub> (p.ex. /jẽP/ [jẽm] 'fedido', /ʔãK/ [ʔãŋ] 'sombra', /piT/ [pit] 'pele', /kĩj/ [kĩŋ] 'matar, ferir, agredir') e mais que 40 com o padrão V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>2</sub> (p.ex. /apa/ 'ariranha', /ajũ/ [ãjũ] 'ano sp.', /etse/ 'entrar', /ẽku/ [ẽŋku] 'língua') e algumas poucas raízes com encontros vocálicos (C<sub>1</sub>V<sub>1</sub>V<sub>2</sub>: /tsɔ'a/ 'em.direção.a', /ʔa'i/ 'alegre, feliz'; V<sub>1</sub>V<sub>2</sub>C<sub>3</sub>: /ã'iP/ 'crescer, criar-se') ou com glides (/pja/ 'estar.largo', /pwã/ 'unha').

Das aprox. 180 raízes com quatro unidades no nosso banco de dados, o maior grupo de raízes, aprox. 130 seguem o padrão C<sub>1</sub>V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>2</sub> e aprox. 40 o padrão V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>2</sub>C<sub>3</sub>. Interessantes são os restantes casos, a maioria dos quais envolvem glides (/kwaT/ 'sol'/ 'buraco', /pwaj/ 'enviar', /ʔjɪT/ 'pequeno', entre outros) ou encontros vocálicos (/ãj'tɛ/ 'homem' – esta já estendendo o esquema em (4) para três sílabas –, /wã'uP/ 'pensar', /wĩ.ãT/ 'por enquanto'), sendo que uma raiz varia entre estas duas possibilidades: /ãj'pɛ/ ou /ãj'pɛ/ 'afiado'. Notáveis são pelo menos três raízes, todas de verbos transitivos, que fogem do padrão em (4), iniciando em /j/: /jkaT/ 'procurar', /jtaT/ 'deixar', /jzɪK/ 'jogar, derrubar'. É possível que estas raízes sejam resultado de uma ressilabificação, mas então esta já se lexicalizou (os glides já ocorrem no nível fonológico), pelo menos em um alomorfe da raiz. Sabemos que não temos um /i/ na forma fonológica porque todas as raízes de verbos transitivos que começam com uma vogal recebem um /t/ inicial com os prefixos que marcam o sujeito, então esperaríamos \*/ãj'kaT/ 'procurei', mas

temos /aj'kaT/ [aj'kat'] 'procurei'. No outro lado, ainda há um outro alomorfe com um /i/ em vez do /j/: por exemplo na forma 'procurando-o/a' ou 'para procurá-lo/la' temos /ni'kaT°aw/ [ni'kataw], e não \*/nãj'kaT°aw/ \*[nãj'kataw] (o alomorfe do prefixo da terceira pessoa, absolutivo diante de consoante é /nã-/ , só diante de vogal o prefixo tem a forma /n-/).

As 145 raízes com cinco unidades no nosso banco de dados lexicais não acrescentam nenhuma novidade, mas é interessante notar que 110 delas seguem o padrão simples C<sub>1</sub>V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>2</sub>C<sub>3</sub>, a maioria das restantes envolvendo uma sílaba adicional (26 casos, destes 17 com V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V<sub>2</sub>) ou glides. O mesmo vale para quase todas as 105 raízes com seis (destes, 11 raízes têm duas sílabas, 90 três e 4 têm quatro sílabas), quase todas as aprox. 65 raízes com sete unidades (só uma destas raízes tem duas sílabas, aprox. 55 têm três e 10 têm quatro) e também quase todas as 25 raízes com oito unidades (5 raízes com três e o restante com quatro sílabas), sendo que a ocorrência de sílabas adicionais (por adicionar V<sub>1</sub> [C<sub>2</sub>]) se torna cada vez mais provável. Temos pouquíssimas raízes com mais unidades (p.ex. /kãmĩnu'ʔaT/ 'menino').

**Distribuição das vogais.** De acordo com as regras de harmonia nasal expostas acima, as vogais se distribuem pelas posições V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub> em (4) da seguinte maneira:

- (5) a. em ambas posições (V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>): as vogais inerentemente nasais /ĩ, ẽ, ɣ, ã, õ, ã /  
 b. apenas em final de morfema (V<sub>2</sub>): as vogais inerentemente orais /i, ɛ, ɪ, a, u, ɔ /  
 c. somente não-final (V<sub>1</sub>): as vogais neutras /ɨ, ɛ, ɪ, ə, ʊ, ɔ /

Na maioria dos casos, a sílaba que possui V<sub>2</sub> como núcleo é a sílaba que carrega o acento, e nós partimos da premissa que V<sub>2</sub> é sempre especificada fonologicamente quanto à nasalidade ou oralidade. Na maioria dos radicais, todas as vogais concordam entre si foneticamente no que diz respeito à nasalidade ou oralidade. Nesse caso, nós supomos que a vogal ou as vogais (no caso de mais do que duas sílabas) na posição V<sub>1</sub> não são especificadas fonologicamente e concordam harmonicamente com a vogal fonologicamente determinada na posição V<sub>2</sub>.

Se as vogais *não* concordam foneticamente, o radical é então dividido em duas partes contíguas: uma sequência de vogais (começando com a primeira) é nasal, e as vogais restantes à direita são orais. As vogais à esquerda dentro dessas sequências são, mais uma vez, entendidas como neutras (não especificadas no nível fonológico), se adaptando a um segmento nasal / oral mais à direita.

Tal divisão pode ser causada por uma consoante nasal. Neste caso pressupomos que a última vogal, adjacente à esquerda dessa consoante nasal, seja neutra e que concorde harmonicamente com a consoante nasal. Cf. por exemplo (os segmentos que causam a nasalidade à sua esquerda estão em negrito) /jãmũtuku'ri/ [jãmũtuku'ri] (nome de um lugar); /kãmĩnu'ʔaT/ [kãmĩnu'ʔat'] 'menino'; /kũmã'ta/ [kũma'ta] 'feijão'.

No entanto, se não houver nenhuma consoante nasal seguindo a última vogal da sequência nasal à esquerda da palavra, supomos que a nasalidade da última vogal nasal desta primeira parte é fonológica, como em /ẽ'ku/ [ẽ'ŋku] 'língua' ou /mẽ'pĩT/ [mẽ'mpĩt'] 'filho/filha (da mulher)'.

Não encontramos nenhum radical monomorfêmico que tenha uma vogal foneticamente oral à esquerda de uma vogal foneticamente nasal. Portanto, concluímos que as vogais inerentemente orais não estão ocorrendo em posição V<sub>1</sub>. Se contraexemplos forem encontrados, eles se devem, provavelmente, à lexicalização de uma composição mais antiga. Este parece ser notadamente o

caso dos demonstrativos masculinos, tais como /ki'tã/ 'este/esta/isto', foneticamente [ki'tã] e não [kĩ'ntã], como seria esperado. De fato, todos os demonstrativos na fala masculina apresentam esse segundo elemento /'tã/, que é, provavelmente, uma inovação formada pela adição de um morfema característico da fala masculina. Nela, toda primeira sílaba desses demonstrativos é relacionada etimologicamente à última sílaba da forma feminina correspondente e preserva, portanto, sua oralidade inerente.

**Distribuição das consoantes.** As consoantes se distribuem pelas posições C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub> e C<sub>3</sub> em (4) da seguinte maneira:<sup>28</sup>

- |     |    |  |                                     |
|-----|----|--|-------------------------------------|
| (6) | a. | em todas posições (C <sub>1</sub> , C <sub>2</sub> e C <sub>3</sub> ): | /j, w/                              |
|     | b. | apenas como ataque de sílaba (C <sub>1</sub> e C <sub>2</sub> ):       | /p, t, k, ʔ, m, n, ts̃, h, l, °, ~/ |
|     | c. | apenas entre vogais (C <sub>2</sub> ):                                 | /ŋ, ʒ, ʁ, r/                        |
|     | d. | apenas como coda de sílaba (C <sub>3</sub> ):                          | /P, T, K/                           |

Conforme indicado em (4b), os glides /w/ e /j/ podem ser inseridos em certas posições entre segmentos na estrutura básica C[VC]VC: /w/ pode aparecer adicionalmente entre uma consoante e uma vogal se a consoante for /p/ ou /k/<sup>29</sup> e, às vezes, /ʔ/, e ainda em casos de ressilabificação; e /j/, em várias ocasiões, ocorre entre uma vogal e uma consoante que não /j/.<sup>30</sup> Em alguns casos, /j/ ocorre também após C<sub>2</sub>, se essa posição estiver ocupada pela oclusiva glotal: /kʔʔjẽP/ 'amanhã', /mʔʔjẽ/ 'já', /ʔa'ʔjãP/ 'olhar para cima', etc. Talvez isso resulte de uma metátese envolvendo a oclusiva glotal (ver seção 4, acima, sobre suprassegmentais<sup>31</sup>).

Todas as outras ocorrências de um glide fonético adjacente a uma consoante se devem provavelmente à ressilabificação de uma vogal fonológica alta ou média.

**Estrutura dos afixos.** A forma fonológica de afixos e enclíticos segue mais ou menos o padrão delineado em (4), com as seguintes observações: nenhum prefixo utiliza C<sub>3</sub> e a maioria também não apresenta V<sub>2</sub>. Em outras palavras, os prefixos tendem a se harmonizar com a nasalidade / oralidade do radical, apesar de alguns serem nasais por si só. Apenas o prefixo de posse alienável, /ε-/ , parece ser inerentemente oral pelo menos em algumas instâncias.

Sufixos e enclíticos geralmente carecem de C<sub>1</sub> e talvez não tenham nem mesmo V<sub>1</sub>. Há sufixos que começam por /ʒ/, uma consoante restrita a C<sub>2</sub>, o qual, nestes casos, ocorre em início de morfema (inclusive no início de certos clíticos).

28. Numa análise que não inclui os arquifonemas /P, T, K/ nem /°, ~/, a distribuição resultante seria:

- |      |    |   |                       |
|------|----|---|-----------------------|
| (6') | a. | em todas posições (C <sub>1</sub> , C <sub>2</sub> e C <sub>3</sub> ):            | /p, t, k, m, n, j, w/ |
|      | b. | apenas como ataque de sílaba (C <sub>1</sub> e C <sub>2</sub> ):                  | /ʔ, ts̃, h, l/        |
|      | c. | apenas ou entre vogais ou como coda de sílaba (C <sub>2</sub> e C <sub>3</sub> ): | /ŋ/                   |
|      | d. | apenas entre vogais (C <sub>2</sub> ):  | /ʒ, ʁ, r/             |

29. Parece razoável postular duas consoantes labializadas /p<sup>w</sup>/ e /k<sup>w</sup>/ . Porém, o fenômeno da mudança de /p/~/m/ inicial (cf. seção 6) sugere que isto não seja o caso: a forma absoluta da palavra 'unha', com a raiz /pwã/, é /mwã/. (Aqui seria possível argumentar que esta palavra é uma composição de /pʔ/ 'mão' com um elemento /ã/ – mas esta origem da ressilabificação vale para várias ocorrências de /w/.)

30. Nesta posição, /j/ pode ser interpretada como /j̥/, a segunda parte de ditongos decrescentes.

31. O mesmo valeria para quando /w/ segue /ʔ/, assim nenhuma consoante labializada /ʔ<sup>w</sup>/ deve ser postulada.

Sequências de duas consoantes que não sejam glides (ou a consoante glotal) são bastante incomuns em formas de palavra do Awetí; geralmente, há uma alteração de segmentos C e V (desconsiderando-se oclusivas glotais e glides adicionais). Para isso, todos os prefixos têm pelo menos um alomorfe que termine em vogal, para combinar com um radical seguinte (ou um prefixo interveniente) que comece por consoante.

Além disso, a maioria dos sufixos e muitos enclíticos (tais como várias posposições) apresentam um alomorfe com vogal inicial que ocorre após morfemas que terminam em consoante. Os sufixos ou enclíticos que têm alomorfes que comecem por consoante, e outros que começam com vogal, as últimas apresentam, na maioria dos casos, uma primeira vogal “epentética” /i/, por exemplo: /-ka/ ~ /-i:ka/ (sufixo de negação verbal), /-pɛ/ ~ /-i:pɛ/ (sufixo de caso locativo), e assim por diante.

**Encontros consonantais.** Há, no entanto, algumas ocasiões de sequências CC. Em primeiro lugar, a combinação de uma consoante *lênis* e a oclusiva glotal, ou desta com um glide, ocorre em várias palavras. É de se suspeitar que esses casos sejam morfologicamente complexos, pelo menos diacronicamente, mas a etimologia se perdeu em vários casos, tais como /atɥrʔa'pɪ/ 'nuca', /tə'ʔwaT/ [tə'ʔwat'] 'onça' ou /kɔ'ʔjɛP/ [kɔ'ʔjɛm] 'amanhã' e outros exemplos listados acima.

O mesmo vale, em segundo lugar, para outras sequências C<sub>3</sub>C<sub>1</sub> resultantes de reduplicação, composição (em radicais compostas de mais do que uma raiz) ou de derivação com raros sufixos que não tem alomorfe iniciando com vogal, como o sufixo /-'ka/. Conforme observado por Emmerich e Monserrat (1972), em muitos casos, pelo menos na fala rápida, evitam-se tais sequências através da elisão de uma consoante (geralmente a primeira). Existem, no entanto, vários contraexemplos, especialmente na fala cuidadosa e devagar, que apresentam combinações de qualquer consoante C<sub>3</sub> e qualquer outra C<sub>1</sub>: /tɪPka/ [tɪmka] 'esfregar', /tɪP'ka/ [tɪp''ka] 'provocar', /kaP'taP/ [kap''tap'] 'abelha *sp.*', /ɛtəpɔT'kɪT/ [ɛtəpɔt''kɪt'] 'iris', /pɔT'pɔTɛ/ [pɔt''pɔɛ] 'pular (repetidamente)' etc. O último radical verbal é particularmente interessante, porque ilustra novamente a reduplicação no caso de um radical com um /ɛ/ final não acentuado (ver acima os exemplos em (3)), mas ele serve também para ilustrar que um segmento final /P, T, K/ pode ser totalmente nasalizado se a consoante seguinte for nasal, como na “forma absoluta” (a forma de citação) deste verbo, que começa com um /m/ ao invés de com o /p/ (ver a próxima seção), o que acontece nas duas partes da reduplicação: /mɔT'mɔTɛtu/ [mɔn'mɔɛtu].<sup>32</sup>

Em vários itens lexicais resultantes de composição, no entanto, tais sequências C<sub>3</sub>C<sub>1</sub> não são usuais ou mesmo possíveis (geralmente a primeira consoante é elidida). Pesquisas futuras deverão revelar as regras que determinam quais sequências C<sub>3</sub>C<sub>1</sub> são obrigatórias, possíveis ou proibidas. As regularidades talvez envolvam estilos de fala e outras variedades, assim como condições fonológicas. – Com os comentários sobre /mɔTmɔɛtu/ nós já entramos no nível da morfofonologia, que será discutido na próxima e última seção.

## 6. Morfofonologia e alternâncias similares

**Lenição suprimida.** Várias alternâncias que parecem ser morfofonológicas, tais como a variação nasal-

32. Isso fornece mais evidência em favor dos arquifonemas /P, T, K/ – apenas estes podem apresentar variantes fonéticas completamente nasais ou orais, geralmente em harmonia com a vogal precedente, mas se houver uma consoante nasal imediatamente seguinte, o alofone nasal será selecionado em harmonia com esta (assimilação a curta distância).

oral (de prefixos, em particular) ou a variação entre [t] e [r], foram descritas acima como puramente fonológicas (alofonia, possivelmente envolvendo arquifonemas que resultam da neutralização de certos contrastes em certas posições). No último caso, temos utilizado arquifonemas com variantes *lênis*. Ainda falta explicar, no entanto, que a lenição não ocorre antes de todos os morfemas de afixos que aparentemente iniciam-se por vogal.

Particularmente, antes dos sufixos /-aP/ 'nominalização de lugar ou instrumento', /-aT/ 'nominalização de agente', /-aw/ 'gerúndio', /-u/ (o alomorfe pós-consonantal do sufixo 'subjuntivo' /-(t)u/) e /-εju/ (o alomorfe pós-consonantal do sufixo 'progressivo' /-(ε)ju/, ver acima seção 4, acento lexical), encontram-se as seguintes regularidades: se a sílaba final do radical precedente for oral e terminar em /P, T, K/, foneticamente a oclusiva oral [p, t, k], e não a variante *lênis* correspondente [β, r, χ], ocorre antes desses sufixos; se ela for nasal, ocorre no nível fonético a sequência de uma nasal e a oclusiva homorgânica (foneticamente similar ou igual à variante pré-nasalizada das oclusivas /p, t, k/). No caso de um glide final, encontramos, atrás dela, uma oclusiva homorgânica. Ver os exemplos em (7).

- |     |    |              |       |              |                     |                  |
|-----|----|--------------|-------|--------------|---------------------|------------------|
| (7) | a. | [ɔta'keju]   | e não | *[ɔta'χeju]  | 'ele está chorando' | (/taK/ 'chorar') |
|     | b. | [ẽ'ntẽmpu]   | e não | *[ẽ'ntẽmu]   | 'que você saia'     | (/tẽP/ 'sair')   |
|     | c. | [nã'ŋkĩɲtat] | e não | *[nã'ŋkĩɲat] | 'quem mata ele/a'   | (/kĩj/ 'matar')  |

Pelo menos para os afixos /-aP/ e /-aT/, que provavelmente são relacionados entre si (como Schleicher (1998) já sugeriu para o Tupí-Guaraní; em Awetí ainda há o sufixo /-aw/ neste grupo), uma evidência diacrônica indica que talvez tenha havido, anteriormente, um segmento consonantal inicial. Nós propomos aqui uma análise de acordo com a qual esse ainda agora é o caso para todos esses morfemas. O que restou sincronicamente deste segmento consonantal, no entanto, é um segmento abstrato, de uma natureza especial; ele contém apenas dois traços, 'oclusão' e 'oral'.

Em termos de uma explicação autosegmental, dir-se-ia que, se estiver em posição intervocálica, essa consoante não pode preencher (ou 'conectar') os traços que lhe faltam (lugar de articulação) e é, portanto, elidida. Após uma consoante, no entanto, ela copia ('conecta') o ponto de articulação da consoante precedente e daí se transforma em (7b) em uma plosiva bilabial e em (7c) em uma plosiva apical. Assim, em um caso como (7b), por exemplo, a sequência [mp] não é um segmento de contorno (como a variante fonética de /p/) após uma vogal nasal(izada), nem é uma variante /P/, mas, de fato, realiza uma sequência fonológica de dois segmentos, a qual pode ser transcrita como /m<sup>o</sup>/, em que "o" representa o segmento {oclusiva, oral} em questão.<sup>33</sup>

Após uma sílaba oral, se se usassem derivações para descrever as regularidades, a derivação de uma forma como a em (7a) seria da seguinte maneira: //ɔ\_ taK -'εju// > /ɔtak'keju/ > [ɔta'keju], em que o último passo é a elisão do primeiro de dois segmentos (quase) idênticos, o que é um processo geral em Awetí.

Aceitando-se esta análise, este seria, mais uma vez, não um caso de morfofonologia, mas sim de um elemento consonantal (mais abstrato) que é encontrado somente no início (de certos alomorfes) de certos sufixos, mas não de outros.

33. Assim, a sequência [mp] não é uma variante fonética possível de /P/ por si só, mas somente da consoante /p/ – mais um argumento (além dos indicados nas notas de rodapé 9 e 32) para distinguir os arquifonemas das consoantes 'comuns' no nível fonológico.

**Assimilação de /mɛ/.** Há um outro caso em que uma solução parecida parece apropriada: a assimilação incomum que envolve as consoantes finais e o clítico /mɛ/. Pela sua íntima interação com segmentos precedentes, essa partícula pode ser facilmente confundida com um afixo, mas constitui, na verdade, uma partícula enclítica de final de oração.

Em resumo, o primeiro segmento dessa partícula assimila o ponto de articulação de uma consoante precedente (em final de palavra), mas essa consoante, por sua vez, torna-se nasalizada. Assim, temos sequências como as formas de imperativo ou permissivo em (8), as quais geralmente co-ocorrem com /mɛ/ (a forma 'mɛ' é, de fato, um alomorfe deste clítico que ocorre após vogais).

- |     |    |             |                     |                     |                  |
|-----|----|-------------|---------------------|---------------------|------------------|
| (8) | a. | [i'taŋɛ]    | de /i- taK ~ɛ/      | 'você pode chorar!' | (/taK/ 'chorar') |
|     | b. | [i'tɛnɛ]    | de /i- tɛT ~ɛ/      | 'você pode dormir!' | (/tɛT/ 'dormir') |
|     | c. | [jɔtɛ'kɪŋɛ] | de /jɔ- t- ɛkɪj ~ɛ/ | 'puxe-o!'           | (/ɛkɪj/ 'puxar') |

Em (8), “~” representa o primeiro segmento do outro alomorfe desse clítico (que ocorre depois de consoante), que é, por seu comportamento fonético, bastante diferente de /m/. Nós propomos novamente um segmento mais abstrato, constituído de apenas um traço, ‘nasal’. Essa consoante, /~/ = {nasal}, causa, ao mesmo tempo, a seleção de um alofone nasal da consoante precedente (como no caso de sequências C<sub>3</sub>C<sub>1</sub>, cf. a última seção sobre /mɔTmɔTɛtu/) ainda que a vogal precedente não seja inerentemente nasal e, para utilizar novamente a metáfora autossegmental, copia ou conecta os traços que faltam (ponto de articulação) dessa consoante precedente. O resultado fonético é sempre uma sequência de duas consoantes nasais idênticas e adjacentes, uma das quais é elidida foneticamente.<sup>34</sup>

A natureza da vogal dessa partícula requer uma investigação mais detalhada. Geralmente, ela é pronunciada mais para oral que para nasal, exceto após um glide. Este é, a propósito, um dos raros casos em que podemos confirmar a alegação de Monserrat (1977) de que os glides são mais receptivos à nasalização do que outros segmentos. De resto, não vemos razão para dar aos glides uma posição tão central na análise da harmonia nasal como o faz Monserrat (1977).

**Alomorfa de pronomes da fala masculina.** É interessante que todas as formas da variedade masculina que se diferenciam das da fala feminina (com exceção do pronome da primeira pessoa singular, /a'tiT/ na fala masculina, /i'tɔ/ na feminina) terminem em /ã/: /nã/ 'ele/ela' (pronome 3ª pessoa singular), /tsã/ 'eles/elas' (pronome 3ª pessoa plural), e os dêiticos em /tã/: /jatã/ 'este/a(s)', /kitã/ 'esse/a(s)' e /kujtã/ ~ /kɔjtã/ 'aquele/a(s)' (ver acima seções 1, sobre a variação /u/~ɔ/, e seção 5, sobre a origem destas formas e a distribuição excepcional das vogais orais em sílaba átona).

Além disso, todas estas formas apresentam uma variante com um [n] final adicional, aqui analisado fonologicamente como /T/, quando entram em uma construção fonológica com a próxima palavra. Por exemplo, como primeiro elemento numa 'construção genitiva' temos /kitãT ɔk/ [kitã'nɔk] 'a casa desse

34. Em geral concordamos com a regra (formulada na linguística diacrônica) que não se devem postular segmentos abstratos que, eles mesmos, nunca se manifestam concretamente, mas são postulados somente para criar o ambiente adequado para explicar certas alterações em outros segmentos. Se poderia argumentar que não observamos esta regra, neste caso, e que um segmento que somente aparece em uma única partícula é questionável. Mas, já que esta partícula é provavelmente a palavra mais frequente de todas em textos Awetí, e que uma análise alternativa, a assimilação do segmento /m/, em nenhuma outra ocasião é observada, acreditamos que a proposta se justifica. A outra alternativa seria, evidentemente, postular vários alomorfes, /mɛ/, /nɛ/, /ŋɛ/, /jɛ/ e /wɛ/, que se usam de acordo com o segmento anterior. (É assim que a ortografia representa este clítico.)

(ai)' (diferente de /kitã ɔk/ 'essa casa'). Também com o sufixo locativo /-(i)pe/ se formaram advérbios, como [ja'tãipe] 'aqui' ou [nãipe] 'lá' (em algum lugar, não dêitico, diferente de [kuj'tãipe] 'lá, longe de falante e ouvinte').<sup>35</sup> Finalmente, as mesmas formas aparecem também frequentemente diante da partícula clítica de final de frase /aʔiT/ [ãʔin] (com efeitos pragmáticos de difícil tradução), como em /ɔ'tɔ tsãT aʔiT/ [ɔ'tɔ tsããʔin] 'eles se foram'. (Também é possível, se bem que menos frequente, a forma sem o /T/, resultando em, por exemplo, [ɔ'tɔ tsã:ʔin] ou [ɔ'tɔ tsãʔin].)

**Alomorfa de afixos de aspecto.** Os sufixos de aspecto /-(°ε)ju/ 'progressivo' e /-(z)ɔkɔ/ 'imperfectivo' interagem mais intimamente com consoantes precedentes, se essas forem apicais (alveolares ou palatais). Após /T/ depois de vogal oral, sempre ocorre o alomorfe iniciado por consoante de ambos os afixos, onde esta consoante se funde com a consoante final do morfema à esquerda, e no caso de /ju/ o mesmo ocorre também após /j/ e /T/ depois de vogal nasal, conforme demonstrado em (9).

(9)	a.	[ɔ'tɛju]	*[ɔtɛ'tɛju] <sup>36</sup>	/o_ tɛT -ju/	'está dormindo'	(/tɛT/ 'dormir')
	b.	[ɔ'tɛzɔkɔ]	*[ɔ'tɛzɔkɔ] <sup>37</sup>	/ɔ_ tɛT -zɔkɔ/	'vai dormir'	(")
	c.	[õ'tãju]	*[õtã'n'tɛju]	/ɔ_ tãT -ju/	'está correndo'	(/tãT/ 'correr')
	d.	[ɛ'ŋkɪju]	*[ɛ'ŋkɪju]	/ɛ_ kɪj -ju/	'você está matando'	(/kɪj/ 'matar')

Isto se aproxima de um processo morfofonológico no sentido de uma seleção de um dentre vários alomorfes, fonologicamente relacionados. (Neste caso, a seleção ocorre de acordo com o ambiente fonológico.)

**Mudança de /p/~m/ inicial.** O único processo que é plenamente morfofonológico neste sentido mais restrito é a alomorfa de radicais que envolve o segmento /p/ quando em início de radicais. Em certas ocasiões determinadas pela função desempenhada pela forma, /m/ ocorre ao invés de /p/. No caso dos nomes, isso ocorre quando o nome é usado em sua função 'absoluta', sem nenhum prefixo possessivo de pessoa, e sem estar na segunda posição em uma construção possessiva. No caso dos verbos intransitivos, a forma abstrata utilizada para se referir ao verbo ou à própria atividade é construída sem nenhum prefixo (mas com o sufixo /-(t)u/).

(10)	a.	/i-'pɔ/	'minha mão'	–	/'mɔ/	'mão (em geral)'
	b.	/ɔ-'pɔɛ/	'ela/ele pula'	–	/'mɔɛ -tu/	'pular (em geral)'

Neste momento, somente notamos que essa é uma alternância regular em várias línguas da família Tupí, não apenas em Awetí, não apenas em Awetí e na família Mawetí-Guaraní. Em Awetí, essa alternância ocorre somente no caso do fonema /p/,<sup>38</sup> mas com este parece funcionar sem exceção.

35. Há um outro(?) sufixo /-pe/ que não apresenta o /i/ 'epentético' e que é usado, principalmente, com os *verbi dicendi* /ʔɛ/ 'dizer' e /tjʔik/ 'falar' etc., para marcar a pessoa a quem se direciona a fala. Com este sufixo aparecem formas como /nãpe/ 'a/para ele/a', que seriam também a forma regular esperada no caso do sufixo locativo /-(i)pe/ (que aparece como /-pe/ depois de raízes que terminam em vogal). É peculiar que os advérbios lexicalizados apresentem o [n] e o /i/ epentéticos.

36. Após todas as outras consoantes ocorre os alomorfes /-°ɛju/, sem lenição da consoante precedente (no caso de verbos ativos), ou /-ɛju/, com lenição da consoante precedente (no caso de verbos estativos).

37. Após todas as outras consoantes ocorre o alomorfe /-ɔkɔ/, com lenição da consoante precedente.

38. Em algumas subfamílias do Tupi, alterações semelhantes envolvendo /t/ e /k/ também existem.

## 7. Conclusão

Apresentamos as principais propriedades fonéticas e fonológicas do Awetí. As seis vogais básicas se organizam num sistema típico para línguas da subfamília 'Mawetí-Guaraní'. Elas mostram processos de ressilabificação e, em certas palavras, uma variação entre /u/ e /ɔ/. O sistema de 13+2+5 consoantes tem várias particularidades, como a posição marginal do flap /r/, da lateral /l/ e de todas as fricativas (/h/ ocorre em muito poucas palavras, /z/, diacronicamente usualmente o reflexo de um \*/r/ anterior, aparentemente têm entrado no sistema muito recentemente, e /ʒ/ atualmente ainda está entrando; há ainda uma africada /tʃ/, também infrequente, e de origem incerta).

A análise faz implicitamente uso de uma concepção declarativa (sem processos de derivação) que retoma a concepção original de Trubetzkoy de arquifonemas. Estes explicam tanto as ricas variações das consoantes oclusivas / nasais de final de morfema (analisados como /P, T, K/) como a harmonia nasal no caso das vogais não-finais 'neutras' (/ə, ɛ, i, ɔ, u, ɨ/). A harmonia nasal tem, aliás, uma posição privilegiada no trabalho, sendo relevante em várias outras seções (vogais, consoantes, e na fonotática). A questão é resumida na seção sobre fenômenos suprasegmentais, onde também abordamos o acento lexical. Lá, a glotal como traço silábico é considerada mas descartada. Ainda nesta seção, indicamos as regras para o acento lexical e algumas exceções sistemáticas.

Uma contribuição maior e inédita do presente trabalho é a análise da fonotática de raízes e afixos em termos não das sílabas isoladas mas sim de uma estrutura básica [C1] [V1 [C2]] V2 [C3], o que permite indicar consistentemente e, ao nosso ver, mais perspicazmente, a distribuição das unidades fonológicas nas posições, e a distribuição estatística nos morfemas (suas frequências), ambos discutidos na seção 'fonotática'.

Finalmente, na seção 'morfologia e alternâncias similares', fazemos mais uma vez implicitamente uso desta teoria declarativa, postulando dois segmentos mais abstratos no nível fonológico, "o" = {oclusiva, oral} e "n" = {nasal}. O primeiro, para o qual também há evidências diacrônicas, explica porque em certos casos não ocorre a lenição, e o segundo captura o comportamento singular da partícula clítica /mɛ/ ~ /-ɛ/. Aceitando estes segmentos mais abstratos, esta análise poderia ser formulada semelhantemente em outras teorias atuais, como a teoria autosegmental / geometria de traços.

Acreditamos que o presente trabalho apresenta e analisa corretamente a vasta maioria das propriedades fonológicas da língua (inclusive a harmonia nasal que age ligeiramente diferentemente de línguas Tupí-Guaraní), deixando poucos fenômenos para futuros estudos. Aspectos que necessitam de mais estudo são: acento lexical e sua interação com a harmonia nasal, as regularidades da ocorrência ou não de encontros consonantais, e principalmente o papel, no nível fonológico e no nível fonético, da glotal e dos glides (e/ou da ressilabificação).

Acreditamos também que várias análises aqui oferecidas, especialmente a estrutura fonotática básica que não foca nas sílabas isoladas, e a proposta de arquifonemas abstratos para o final do morfema, podem ser aplicadas frutiferamente a outras línguas, em particular a línguas da família Tupí.

## Referências

- AWETÍ LANGUAGE DOCUMENTATION PROJECT. *A Documentation of the Awetí Language and Aspects of the Awetí Culture*: By Sebastian Drude [principal researcher], Sabine Reiter [researcher], Hans-Heinrich Lieb [project director], with contributions by Waranaku Awetí, Awajatu Awetí, Yakumin Awetí, Tawyjat Awetí, Parawaijru Awetí, Xiaoquin Su, Eva-Maria Rössler and others. Nijmegen: Max-Planck-Institute, 2006.
- BORELLA, C. DE C. *Aspectos morfossintáticos da língua Awetí (Tupí)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2000.
- CORRÊA DA SILVA, B. C. Mais Fundamentos para a Hipótese de Rodrigues (1984/1985) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (Eds.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007. p. 219–240.
- CORRÊA DA SILVA, B. C. *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2010.
- DRUDE, S. Wörterbuchinterpretation: *Integrative Lexikographie am Beispiel des Guaraní*. Tübingen: Niemeyer, 2004. (Lexicographica, Series Maior, v. 120.)
- DRUDE, S. On the position of the Awetí language in the Tupí family. In: DIETRICH, W.; SYMEONIDIS, H. (Eds.). *Guaraní y "Mawetí-Tupí-Guaraní". Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur*. Berlin; Münster etc.: LIT Verlag, 2006. p. 11–45.
- DRUDE, S. Stress in Awetí and its acoustic correlates. *Amerindia* (special edition, Estrutura das línguas Amazônicas), v. 35, p. 7–40, 2011.
- DRUDE, S. Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guarani family (Tupí). *Amerindia* (special issue Estrutura das línguas Amazônicas), v. 32, p. 239–276, 2008.
- DRUDE, S. Nasal harmony in Awetí: A declarative account. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, n. 3, 2009.
- DRUDE, S. Reduplication as a tool for morphological and phonological analysis in Awetí. In: GÓMEZ, G. G.; VAN DER VOORT, H. (Eds.). *Reduplication in Indigenous languages of South America*. Leiden: Brill, 2014. p. 185–216. (Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas, v. 7.)
- DRUDE, S.; AWETE, W.; AWETI, A. A ortografia da língua Awetí. *LIAMES, Línguas Indígenas Americanas*, v. 19, n. e019014, p. 1–23, 2019.
- EMMERICH, C.; MONSERRAT, R. M. F. Sobre a fonologia da língua Aweti (Tupí). *Boletim do Museu Nacional N.S. Antropologia*, v. 25, p. 1–18, 1972.
- GALUCIO, A. V. et al. Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 229–274, ago. 2015.
- KAMAIURÁ SABINO, W. *Awetýza Ti?íngatú: Construindo uma Gramática da Língua Awetý, com Contribuições para o Conhecimento do seu Desenvolvimento Histórico*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

- LIEB, H.-H. A functional view of word accent. In: HAJICOVÁ, E.; BÖHMOVÁ, O. (Eds.). *Prague school linguistics: 70 years of existence of the Prague Linguistic Circle and 100th anniversary of Roman Jakobson's birthday*. Prague: Charles University, 1996. p. 37.
- LIEB, H.-H. Some basic concepts of Trubetzkoy's phonology. *Forum Linguisticum*, v. 4, n. 1, p. 1–25, 1979.
- LIEB, H.-H. Morph, Wort, Silbe: Umrisse einer Integrativen Phonologie des Deutschen. In: BUTT, M.; FUHRHOP, N. (Eds.). *Variation und Stabilität in der Wortstruktur: Untersuchungen zu Entwicklung, Erwerb und Varietäten des Deutschen und anderer Sprachen*. Hildesheim etc.: Olms, 1999. p. 334–407. (Germanistische Linguistik 141-142 / 1998.)
- LIEB, H.-H. The case for two-level phonology: German Obstruent Tensing and Nasal Alternation in French. In: SACKMANN, R. (Ed.). *Explorations in Integrational Linguistics: four essays on German, French, and Guaraní*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2008. p. 21–96. (Studies in Integrational Linguistics, v. 1.)
- MEIRA, S.; DRUDE, S. A summary reconstruction of Proto-Mawetí-Guaraní segmental phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 275–296, 2015.
- MEYER, H. Bericht über seine zweite Xingú-Expedition. *Verhandlungen der Gesellschaft far Erdkunde zu Berlin*, v. 213, p. 112–128, 1900.
- MONSERRAT, R. M. F. Prefixos pessoais em Awetí. *Lingüística*, v. 3, p. 1–16, 1976.
- MONSERRAT, R. M. F. A nasalização em Awetí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 4, n. 1, p. 41–56, 2012. (Orig. Manuscrito de 1977.)
- MONSERRAT, R. M. F. Línguas Tupí e ergatividade. In: A. S. A. C. Cabral, A. D. Rodrigues (Eds.). *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Ed. UFPA, 2002.
- MONSERRAT, R. M. F.; SOARES, M. L. DA C. F. Hierarquia referencial em línguas Tupí. *Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura* (Ensaio de Lingüística), v. 9, p. 164–187, 1983.
- REITER, S. *Ideophones in Awetí*. Tese de Doutorado. Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, 19 dez. 2011.
- SANTOS, J. P. dos. *Classes Lexicais em Awetí*. Relatório, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- SANTOS, J. P. dos et alli. O papel das nominalizações na sintaxe Awetí. In: *Iv Congresso Internacional da Abralin*. Brasília, 2005
- SCHLEICHER, C. O. *Comparative and Internal Reconstruction of the Tupí-Guaraní Language family*. Tese (Doutorado). University of Wisconsin, Madison, 1998.
- SCHMIDT, M. Aus den Ergebnissen meiner Expedition in das Schingúquellgebiet. *Globus*, v. 86, p. 119–125, 1904.
- SOARES, M. L. DA C. F.; LEITE, Y. DE F. Vowel shift in the Tupí-Guaraní linguistic family: a typological approach. In: KEY, M. R. (Ed.). *Language change in South American Indian languages*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1991. p. 36–53.

SOUZA, M. S. C. DE. *A Língua Aweti (Tupí, Alto Xingu)*. Ms. Rio de Janeiro, 1994.

STEINEN, K. VON DEN. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin: D. Reimer, 1894.

TRUBETZKOY, N. S. *Grundzüge der Phonologie*. 7. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprech, 1989. (Primeira edição 1939.).